

## **AUTOCONCEITO, VIVÊNCIAS ACADÉMICAS E SATISFAÇÃO COM A VIDA: ESTUDO COM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE**

**Farissai P. Campira<sup>11</sup>**

**Alexandra M. Araújo<sup>12</sup>**

**Leandro S. Almeida<sup>13</sup>**

### **Resumo**

Este artigo analisa as relações entre autoconceito, dificuldades vivenciadas e satisfação com a vida em estudantes universitários em Moçambique. Procura também explorar as diferenças nos resultados com base nas variáveis género e idade dos estudantes. Participaram neste estudo 246 estudantes com idades entre os 17 e 45 anos ( $M = 23.50$ ,  $DP = 6.10$ ), que frequentavam a Universidade Pedagógica ( $n = 176$ , 71.7%) e a Universidade Zambeze ( $n = 70$ , 28.3%), sendo a maioria dos estudantes do sexo masculino (64.8%). Foram administrados três instrumentos: o Questionário de Autoconceito para Estudantes Universitários de Moçambique, o Questionário de Dificuldades Antecipadas e a Escala de Satisfação com a Vida. Os resultados mostram uma associação significativa entre o autoconceito e a satisfação com a vida, nomeadamente considerando as dimensões do autoconceito académico, autoconceito social e autoconceito físico, sendo fraca essa relação com o autoconceito religioso. Relacionando o autoconceito com as dificuldades vivenciadas, a correlação é significativa com o autoconceito académico e autoconceito social, sendo de novo fraca a relação com o autoconceito religioso. Analisando as diferenças no autoconceito em função da variável género, apenas se observa uma diferença com significado estatístico, a favor do sexo feminino, no autoconceito religioso, não tendo sido encontradas diferenças nas dificuldades vivenciadas e na satisfação com a vida. Por outro lado, tomando a variável idade, as diferenças verificam-se nas dimensões de autoconceito artístico, a favor dos mais novos, e no autoconceito académico e autoconceito social, a favor dos mais

---

<sup>11</sup> Universidade Pedagógica, Moçambique; Universidade do Minho, Portugal. E-mail: [fcampira@live.com](mailto:fcampira@live.com)

<sup>12</sup> Instituto de Neuropsicologia e Neurociências Cognitiva e Comportamental Portucalense, Departamento de Psicologia e Educação, Universidade Portucalense, Porto. E-mail: [amaraujo@upt.pt](mailto:amaraujo@upt.pt)

<sup>13</sup> Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. E-mail: [leandro@ie.uminho.pt](mailto:leandro@ie.uminho.pt)

velhos. Mais ainda, os estudantes mais velhos vivenciam menores dificuldades no ES e apresentam maior satisfação com a vida.

**Palavras-chave:** autoconceito, vivências académicas, satisfação com a vida, estudantes universitários, Moçambique

## Introdução

O autoconceito é entendido como variável moderadora do ajustamento dos estudantes no ensino superior (ES) (Campira, Araújo, & Almeida, 2015a; Silva, 2003; Stocker & Faria, 2009; Veliz-Burgos & Urquijo, 2012), sendo por isso uma variável importante quando se trata de estudar as vivências, o estilo de vida e a realização académica dos estudantes universitários. A relevância do autoconceito é maior nas fases de transição e de adaptação dos estudantes, justificando a maior concentração dos estudos no início (Barros & Morreira, 2013; Liu, 2010; Stocker & Faria, 2009) e no final da formação académica (Barros & Morreira, 2013; Costa, 2002; Cruz, Pinto, Almeida, & Aleluia, 2010; Vieira, Vieira, Ferraz, & Oliveira, 2010; Tamayo, Campos, Matos, Mendes, Santos, & Carvalho, 2001). Com efeito, o desenvolvimento dos indivíduos, quer a nível pessoal quer interpessoal, é particularmente estimulado pelos desafios colocados pelas transições ao longo do ciclo de vida e pelos níveis progressivos de maturidade e autonomia daí decorrentes (Campira et al., 2015a; Soares et al., 2014).

O ingresso na universidade coloca aos estudantes vários desafios, incluindo desafios pessoais, interpessoais, académicos e institucionais (Almeida, 2007; Almeida, Soares, & Ferreira, 2002; Diniz & Almeida, 2006; Santos & Almeida, 2001; Soares, Almeida, Diniz, & Guisande, 2006; Soares et al., 2014), sugerindo a necessidade de programas por parte das instituições que favoreçam a integração dos estudantes. Neste sentido, importa considerar os perfis de entrada dos estudantes na universidade e favorecer o seu investimento no contexto académico, como forma de promover a sua autonomia e maturidade, melhorar as aprendizagem e sucesso escolar, ou, ainda, aumentar a autoaceitação e autoconfiança dos estudantes (Soares & Almeida, 2005; Foubert & Grainger, 2006).

A literatura sugere que o autoconceito modera a forma como os estudantes vivenciam as exigências associadas ao ingresso no ES, contribuindo para explicar o grau de sucesso dos estudantes nessa transição (Campira, Araújo, & Almeida, 2014; Marsh, 2005; O'Mara, Green, &

Marsh, 2006; Veiga, 2006; Veliz-Burgos & Urquijo, 2012). De acrescentar que o autoconceito não só influencia como é influenciado pelo contexto académico; o autoconceito constrói-se e desenvolve-se em função dos contextos de vida e da forma como estes afetam a individualidade dos estudantes (Campira et al., 2015a; Pipa & Peixoto, 2014). Por exemplo, Faria e Azevedo (2004), analisando a influência do autoconceito na vida académica dos alunos universitários, reconhecem o seu papel nos processos adaptativos dos estudantes e no seu ajustamento psicossocial. Por sua vez, Chang et al. (2003) sugerem uma associação positiva entre o rendimento e a satisfação académica dos estudantes com as dimensões social e académica do autoconceito. Pela sua abrangência, o autoconceito acaba por afetar as múltiplas vivências e o estilo de vida dos estudantes no ES (Barros & Morreira, 2013; Faria & Azevedo, 2004).

Ao mesmo tempo, a investigação com os estudantes do ES dá particular relevância às suas vivências e adaptação académica ao longo do primeiro ano. A transição e adaptação ao ES envolvem um conjunto alargado de variáveis pessoais, assim como também variáveis associadas ao curso e à instituição (Araújo & Almeida, 2014; Santos, Polydoro, Scortegagna, & Linden, 2013). Face aos desafios e exigências do ES, as dificuldades na adaptação dos estudantes podem suscitar insucesso, sentimentos de rejeição e abandono (Almeida, 2007; Araújo et al., 2014; Riquelme et al., 2012), registando-se correlações significativas entre a qualidade das vivências académicas e a satisfação, para a qual contribuem as dimensões académica e social da experiência universitária (Imaginário, 2011; Imaginário & Vieira, 2011).

A satisfação com a vida refere-se ao julgamento cognitivo e emocional dos estudantes em relação a alguns domínios específicos como a saúde, aprendizagem, condições de moradia, carreira e relações sociais (Castro, Delgado, Ramirez, Ojeda, & Salazar, 2012; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985; Joia, Ruiz, & Danalisio, 2007; Suldo, Minch, & Hearon, 2015; Veenhoven, 1994). Nesta linha, a generalidade dos autores associa a satisfação com a vida ao bem-estar subjetivo (Costa & Pereira, 2007; Diener et al., 1985; Giacomoni, 2004; Joia, Ruiz, & Danalisio, 2007), assumindo papel relevante outras dimensões do *self* como a perceção de controlo e de eficácia, ou o otimismo (Imaginário & Vieira, 2011). Por outro lado, a satisfação vai depender da forma como cada indivíduo experiencia as vivências do contexto, envolvendo o julgamento cognitivo e as reações afetivas (Costa & Pereira, 2007; Diener, 1984). Neste sentido, o nível de satisfação modera as emoções dos indivíduos, sendo que, por exemplo, o baixo nível de satisfação pode desencadear a depressão (Diener, 1984). De novo, à semelhança do que

acontece com o autoconceito, a satisfação com a vida oscila de acordo com a forma positiva ou negativa como o indivíduo vivencia e julga os desafios do contexto académico.

Como primeiro objetivo deste artigo, analisaremos as relações entre autoconceito, vivências académicas e satisfação com a vida. Pela sua proximidade conceptual, antecipa-se uma associação positiva entre o autoconceito e a satisfação com a vida em consonância com alguma investigação na área. Por exemplo, procurando relacionar a ansiedade e autoconceito em estudantes do ES, Cruz et al. (2010) constataram que índices elevados de autoconceito estavam associados a baixos níveis de ansiedade, e vice-versa. Também outros estudos encontraram correlações significativas entre as dimensões social e académica do autoconceito ou a autoestima, entendida como medida global do autoconceito, e a satisfação académica dos estudantes (Martins, Nunes, & Noronha, 2008; Rey, Extremera, & Pena, 2011).

Um segundo objetivo deste artigo tem a ver com a análise de eventuais diferenças nos três constructos de acordo com o género e a idade dos estudantes. Reportando-nos ao autoconceito, vários estudos sugerem a não existência de diferenças entre homens e mulheres (Ahmad, Ghazali, & Hassan, 20011; Baltasar, 2014; Barros & Moreira, 2013; Faria & Santos, 2006; Garcia & Lujan, 2003; Garcia, Musitu, Riquelme, & Riquelme, 2011; Silva & Vendramini, 2005; Véliz-Burgos & Urquijo, 2012), havendo outros que apontam diferenças, mas apenas em domínios específicos do autoconceito (Baron, Schmader, Cvencek, & Meltzoff, 2014; Were, Indoshi, & Yalo, 2010). Por exemplo, os estudos sugerem que os homens apresentam autoconceito superior nas áreas de autoconceito académico, autoconceito físico, emocional e relação com os pares, enquanto as mulheres apresentam melhor autoconceito artístico, autoconceito social, autoconceito verbal e autoconceito espiritual ou religioso (Faria & Azevedo, 2004; Marjoribanks & Mboya, 2001).

Tomando as diferenças em função da idade, os resultados são igualmente contraditórios. Alguns estudos apontam para a não diferenciação do autoconceito em função da idade (Östgård-Ybrandt & Armelius, 2003; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010). Contudo Faria e Azevedo (2004) verificaram pontuações mais elevadas dos estudantes mais novos na dimensão do autoconceito académico. Resultados diferentes foram encontrados por Veliz-Burgos e Urquijo (2012), ao constatarem que os estudantes mais velhos apresentavam autoconceito superior nas dimensões académica, emocional e familiar, enquanto os mais novos pontuavam mais na dimensão do autoconceito físico. Assim, verifica-se que estes resultados são muito instáveis ao longo das várias pesquisas. Por exemplo Vicent, Martín, González, Inglés, García-

Fernández e Gomis (2015) verificaram que os alunos mais velhos apresentavam resultados mais elevados no autoconceito físico, académico e nas relações com pares do sexo oposto, ao mesmo tempo que Faria e Santos (2006) constataram a superioridade dos estudantes mais velhos na dimensão do autoconceito social.

Por outro lado, algumas diferenças segundo o género dos estudantes são encontradas nas suas vivências adaptativas ao ES. No estudo de Almeida e Cruz (2010) as mulheres vivenciam maiores dificuldades na transição para o ES, nomeadamente ao nível da gestão dos recursos económicos. O sentido de tais diferenças altera-se noutras investigações. Por exemplo, Ferreira, Almeida e Soares (2001) assinalam menores dificuldades nas mulheres ao nível do relacionamento interpessoal e nos métodos de estudo. Em estudos com o Questionário de Vivências Académicas (QVAR), as mulheres apresentavam melhores hábitos de estudo e gestão do tempo (Araújo & Ponte, 2011; Belo, 2015), havendo ainda alguma diferenciação nas vivências em função da idade e do ano de frequência (Araújo & Ponte, 2011).

Por último, alguns estudos apresentam alguma diferenciação da satisfação com a vida em função do género e da idade dos estudantes do ES (Fernandes, 2007; Lucas, Freitas, Oliveira, Machado, & Monteiro, 2012). Numa amostra de adolescentes verificou-se que as mulheres superavam os homens no crescimento pessoal e relações positivas, enquanto os homens apresentavam valores mais elevados na aceitação de si (Fernandes, 2007). Num outro estudo, Lucas et al. (2012) verificaram que os homens apresentavam pontuações mais elevadas de satisfação com a vida no domínio específico da prática de exercício físico. Aliás, em medidas globais de satisfação com a vida, vários estudos não encontraram diferenças de género no bem-estar geral (Fernandez, 2007; Strelhow, Bueno, & Câmera, 2010; Zubieta & Delfino, 2010). Por outro lado, alguns autores defendem que o bem-estar dos indivíduos evolui em função da idade, acompanhando o desenvolvimento da maturidade dos indivíduos. Por exemplo, Fernandes (2007) constatou que o bem-estar era superior nos adolescentes mais velhos. Na mesma linha, Albuquerque, Noriega, Martins e Neves (2008) apontam um aumento na satisfação com a vida em estudantes mais velhos e frequentando anos mais avançados da sua graduação, podendo isso estar relacionado com o facto destes indivíduos apresentarem objetivos de vida mais definidos (Oishi, Diener, Lucas, & Such, 1999).

Face ao exposto, e em suma, este artigo pretende, em primeiro lugar, analisar as relações entre autoconceito, vivências académicas e satisfação com a vida junto de estudantes universitários de Moçambique. Em segundo lugar, pretendemos verificar se existem diferenças

nas dimensões do autoconceito, nas dificuldades vivenciadas e a satisfação com a vida em função do género e idade dos estudantes.

## **Método**

### ***Participantes***

Participaram no estudo 246 estudantes com idades entre 17 e 45 anos ( $M = 23.50$ ,  $DP = 6.10$ ), que frequentavam a Universidade Pedagógica ( $n = 176$ , 71.7%) e a Universidade Zambeze ( $n = 70$ , 28.3%), sendo a maioria dos estudantes do sexo masculino (64.8%). Trata-se de uma amostra composta por estudantes do primeiro ano da universidade, frequentando os cursos de engenharia mecatrónica, engenharia civil e gestão na Universidade Zambeze, e os cursos de formação de professores (e.g., Ciências da Educação, Ensino Básico, Filosofia, Física, Biologia, Matemática e Português) na Universidade Pedagógica. Destes, 243 (98.4%) frequentam pela primeira vez o ES e apenas 4 (1.6%) já tiveram experiência de vida universitária. Por outro lado, 71% destes estudantes escolheram os cursos que frequentavam como primeira opção, ao mesmo tempo que 119 (48.2%) mudaram de residência para frequentar o ES e a maioria (79.4%) não exerce qualquer atividade profissional a tempo parcial ou integral.

### ***Instrumentos***

Para o presente estudo foram usados três instrumentos, nomeadamente o Questionário de Autoconceito para Estudantes Universitários de Moçambique (Campira et al., 2015a), a Escala de Satisfação com a Vida (Diener et al., 1985, adaptada para a língua portuguesa por Neto, 1990), e o Questionário de Dificuldades Antecipadas (Araújo & Almeida, 2013).

O questionário de autoconceito avalia 5 dimensões: autoconceito académico (e.g., “Sou um(a) aluno(a) dedicado(a) aos estudos”), autoconceito social (e.g., “Sinto-me aceite no meu grupo de amizades”), autoconceito físico (e.g., “Sinto-me uma pessoa fisicamente atraente”), autoconceito artístico (e.g., “Os meus colegas elogiam as minhas qualidades artísticas”), e autoconceito religioso (e.g., “As minhas crenças religiosas influenciam o meu comportamento”). Os coeficientes de consistência interna dos itens nas cinco dimensões (alfa de Cronbach) oscilam entre .70 e .83, registando-se um único fator com base na análise das cinco dimensões (56.8% da variância total explicada).

A Escala de Satisfação com a Vida é uma escala unidimensional (Diener et al., 1985), formada por apenas cinco itens (e.g., “Estou satisfeito com a minha vida”) e sete opções de resposta variando entre 1 (“fortemente em desacordo”) e 7 (“fortemente de acordo”). O alfa de Cronbach situa-se em .87 e um fator comum explica 66% da variância dos resultados nos cinco itens, na presente amostra.

Finalmente, o Questionário de Dificuldades Antecipadas (Araújo e Almeida, 2013), que na presente pesquisa avalia dificuldades vivenciadas pelos estudantes no ES, pois os estudantes responderam ao questionário no final do ano e, portanto, reportaram as dificuldades vivenciadas e não antecipadas. Esta escala inclui itens de avaliação de dificuldades de adaptação académica (e.g., “Ter bons resultados nos exames”; alfa = .83), de integração social (e.g., “Relacionar-me com os novos colegas”; alfa= .83) e de autonomia (e.g., “Ter saudades da família ou dos amigos de sempre”; alfa = .43). Estas três dimensões explicam 57% da variância dos resultados nos itens da escala. Contudo, face a dificuldades encontradas na verificação destas três dimensões junto dos estudantes universitários de Moçambique, optamos por considerar um conjunto de sete itens que se reportam a diversas dificuldades vivenciadas pelos estudantes (alfa = .71).

### ***Procedimentos***

Os questionários foram preenchidos pelos alunos após um pedido formal do primeiro autor e seu esclarecimento quanto aos objetivos da pesquisa. A participação foi voluntária e garantiu-se o anonimato no tratamento da informação. O preenchimento do protocolo usado requereu cerca de 30 minutos. As análises dos resultados foram realizadas através do programa IBM/SPSS (versão 20).

### ***Resultados***

Reportando-nos ao primeiro objetivo deste estudo, na tabela 1 apresentamos os coeficientes de correlação cruzando as cinco dimensões do autoconceito, a medida global de satisfação com a vida e a nota global na escala de dificuldades vivenciadas pelos estudantes. Para efeitos da análise de correlação recorremos ao procedimento produto x momento de *Pearson*.

Tabela 1

*Relação entre Dimensões do Autoconceito, Satisfação com a Vida e Dificuldades Vivenciadas pelos Estudantes*

| Dimensões de autoconceito | Satisfação com a vida | Dificuldades vivenciadas |
|---------------------------|-----------------------|--------------------------|
| Autoconceito religioso    | .15*                  | -.17**                   |
| Autoconceito artístico    | .06                   | -.04                     |
| Autoconceito académico    | .34***                | -.43***                  |
| Autoconceito físico       | .24**                 | -.18***                  |
| Autoconceito social       | .29***                | -.37***                  |

*Nota:* \* $p < 0.05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$

Os resultados da tabela 1 permitem observar que, nesta amostra de estudantes da Universidade Pedagógica e da Universidade Zambeze, se observa uma associação significativa entre algumas dimensões do autoconceito e a satisfação com a vida, assim como com as dificuldades vivenciadas. Como seria de esperar pela natureza dos constructos avaliadas, essas correlações são positivas em relação à satisfação com a vida e negativas com as dificuldades vivenciadas. Os coeficientes são moderados relativamente às dimensões de autoconceito académico e autoconceito social, diminuindo tais índices relativamente ao autoconceito físico e religioso. Por último, os resultados no autoconceito artístico não estão correlacionados com a satisfação com a vida e com as dificuldades vivenciadas pelos estudantes.

Um segundo objetivo deste estudo prendeu-se com a verificação de uma eventual diferenciação dos resultados nestes constructos psicológicos em função do género e da idade dos estudantes. Na tabela 2 apresentamos os resultados segundo o género recorrendo ao teste  $t$  para amostras independentes.



Tabela 2

*Diferenças de Autoconceito, Dificuldades Vivenciadas e Satisfação com a Vida nos Alunos Universitários em Função do Sexo*

|                          | Sexo      | N   | M    | DP   | <i>t</i> | <i>gl</i> | <i>p</i> |
|--------------------------|-----------|-----|------|------|----------|-----------|----------|
| Autoconceito Religioso   | Masculino | 156 | 4.60 | .95  | -3.42    | 240       | **       |
|                          | Feminino  | 86  | 5.01 | .83  |          |           |          |
| Autoconceito Artístico   | Masculino | 160 | 3.88 | 1.16 | 1.06     | 244       | NS       |
|                          | Feminino  | 86  | 3.71 | 1.27 |          |           |          |
| Autoconceito Académico   | Masculino | 158 | 4.67 | .65  | 1.17     | 241       | NS       |
|                          | Feminino  | 85  | 4.57 | .70  |          |           |          |
| Autoconceito Físico      | Masculino | 156 | 4.77 | .91  | -.30     | 239       | NS       |
|                          | Feminino  | 85  | 4.80 | 1.08 |          |           |          |
| Autoconceito Social      | Masculino | 157 | 5.01 | .73  | -.28     | 239       | NS       |
|                          | Feminino  | 84  | 5.03 | .78  |          |           |          |
| Dificuldades vivenciadas | Masculino | 153 | 1.95 | .55  | .20      | 234       | NS       |
|                          | Feminino  | 83  | 1.93 | .45  |          |           |          |
| Satisfação com a Vida    | Masculino | 159 | 4.26 | 1.27 | -.08     | 243       | NS       |
|                          | Feminino  | 86  | 4.27 | 1.36 |          |           |          |

Nota: \*\*  $p < .01$ ; NS – Não significativa

As médias das pontuações dos estudantes de ambos os sexos são muito próximas nas várias medidas psicológicas, não se observando diferenças estatisticamente significativas quando comparamos estes dois grupos de estudantes. A única diferença com significado estatístico ocorre na dimensão do autoconceito religioso, refletindo uma diferença a favor das alunas ( $t = -3.42, p < .01$ ).

Para explorarmos as diferenças segundo a idade dos estudantes, recorreremos de novo ao teste *t* para amostras independentes, repartindo a amostra em dois grupos de idades (grupo 1: 17 a 23 anos; grupo 2: 24 a 45 anos). Na tabela 3 apresentamos os resultados desta análise.

Tabela 3

*Diferenças de Autoconceito, Dificuldades Vivenciadas e Satisfação com a Vida nos Alunos Universitários em Função da Idade*

|                          | Idade/anos   | N   | M     | DP   | <i>t</i> | <i>gl</i> | <i>p</i> |
|--------------------------|--------------|-----|-------|------|----------|-----------|----------|
| Autoconceito Religioso   | Até 23 anos  | 163 | 23.49 | 4.69 | -1.02    | 241       | NS       |
|                          | 24 em diante | 80  | 24.14 | 4.52 |          |           |          |
| Autoconceito Artístico   | Até 23 anos  | 165 | 19.67 | 5.64 | 2.38     | 238       | *        |
|                          | 24 em diante | 75  | 17.69 | 6.57 |          |           |          |
| Autoconceito Académico   | Até 23 anos  | 164 | 22.84 | 3.50 | -2.29    | 242       | *        |
|                          | 24 em diante | 80  | 23.88 | 2.94 |          |           |          |
| Autoconceito Físico      | Até 23 anos  | 161 | 19.73 | 3.34 | .65      | 238       | NS       |
|                          | 24 em diante | 79  | 19.42 | 3.72 |          |           |          |
| Autoconceito Social      | Até 23 anos  | 163 | 24.64 | 3.61 | -2.77    | 241       | **       |
|                          | 24 em diante | 80  | 25.96 | 3.27 |          |           |          |
| Dificuldades Vivenciadas | Até 23 anos  | 161 | 13.70 | 4.18 | 2.89     | 236       | **       |
|                          | 24 em diante | 77  | 12.16 | 3.06 |          |           |          |
| Satisfação com a Vida    | Até 23 anos  | 165 | 20.76 | 6.29 | -1.97    | 244       | *        |
|                          | 24 em diante | 81  | 22.48 | 6.77 |          |           |          |

Nota: \* $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ ; NS – Não Significativo

Observando as médias das pontuações dos estudantes pode-se constatar algumas diferenças a nível do autoconceito na dimensões artística ( $t = 2.38$ ,  $p < .05$ ) a favor dos mais novos, na dimensão académica ( $t = -2.29$ ,  $p < .05$ ) e dimensão social ( $t = -2.77$ ,  $p < .01$ ), a favor dos estudantes mais velhos. Não foram encontradas diferenças nas dimensões de autoconceito religioso e autoconceito físico. Por outro lado, os estudantes mais novos experienciam mais dificuldades académicas, ao mesmo tempo que apresentam valores inferiores de satisfação com a vida.

### Discussão e Considerações Finais

Os resultados da relação entre autoconceito e a satisfação com a vida dos alunos universitários em Moçambique evidenciam uma associação significativa em três dimensões do autoconceito (autoconceito social, autoconceito académico e autoconceito físico). Estes resultados vão de encontro a outros resultados obtidos no estudo de Chang et al. (2003) com adolescentes chineses, sugerindo a influência do autoconceito na satisfação com a vida dos estudantes. Também noutros estudos se observou que a qualidade das relações interpessoais, o bem-estar, a autoimagem e os desempenhos académicos influenciam a satisfação com a vida

dos estudantes (Barros & Moreira, 2013; Castro & Zamorano, 2012; Gomes & Ribeiro, 2001; Oishi et al., 1999; Resino, González, Montero, Brocano, 2012). Entretanto, a correlação observada entre o autoconceito físico e a satisfação com a vida pode informar da importância que o exercício e a aparência física assumem na vida destes estudantes tratando-se de uma população jovem com média de idades nos 23 anos, o que também ocorreu noutros estudos (Castilo & Molina-Garcia, 2009; Dias, Corte-Real, Corredeira, Barreiros, Bastos, & Fonseca, 2008; Lucas, Freitas, Oliveira, Machado, & Monteiro, 2012). Por sua vez, a valorização das relações interpessoais nesta faixa etária pode, ainda, justificar a relação encontrada entre autoconceito social e a satisfação com a vida, o que foi constatado também no estudo de Febrian e Kurniawan (2012). Por último, os resultados encontrados mostram que as dimensões académica e interpessoal do autoconceito se apresentam, tal como noutros estudos, mais associadas aos níveis de ajustamento ou vivências académicas dos estudantes no ES (Araújo & Almeida, 2014; Imaginário, 2011; Imaginário & Vieira, 2011).

Em relação às análises diferenciais conduzidas, os resultados não apontam para diferenças nas dimensões do autoconceito segundo o género dos estudantes, aproximando-se dos resultados noutros estudos (Ahmad et al., 2011; Baltasar, 2014; Barros & Moreira, 2013; Faria & Santos, 2006; Garcia & Lujan, 2003; Garcia et al., 2011; Silva & Vendramini, 2005; Véliz-Burgos & Urquijo, 2012). Apenas no autoconceito religioso tal diferença ocorre a favor das mulheres, resultado também constatado em alguns estudos (Campira, Araújo & Almeida, 2015b; Costa, 2009; Faria & Azevedo, 2004; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010), sugerindo maior protagonismo das práticas religiosas por parte das mulheres, sendo tais práticas fundamentais na socialização das crianças e jovens (Costa, 2009).

Tomando a idade dos estudantes, observaram-se diferenças com significado nas dimensões artística (a favor dos mais novos), e académica e social (a favor dos mais velhos). Na dimensão artística, não havendo outros estudos que nos passam servir de referência na análise das diferenças encontradas, podemos sempre antecipar que os estudantes mais jovens, tendencialmente com mais tempo de ócio, poderão apresentar maior interesse e dedicação às atividades artísticas. Já em relação ao autoconceito académico e social, também noutros estudos se observam diferenças a favor dos estudantes mais velhos (Faria & Azevedo, 2004; Faria & Santos, 2006; Véliz-Burgos & Urquijo, 2012; Vicent et al., 2015), podendo esta situação estar associada aos seus maiores níveis de maturidade. Esta interpretação pode ser igualmente utilizada para entender os níveis mais elevados de satisfação com a vida e as menores

dificuldades experienciadas no ajustamento ao ES por parte dos estudantes mais velhos. A adaptação ao contexto académico exigirá, sempre, alguma maturidade psicológica dos estudantes (Costa & Pereira, 2007; Santos & Almeida, 2001), nomeadamente a experiência prévia de transições e a resposta positiva aos desafios que colocam. Nesta altura, a satisfação com a vida acompanha a maturidade ou a trajectória de vida dos indivíduos (Albuquerque et al., 2008; Oshi et al., 1999), sendo importante no processo de adaptação dos estudantes ao ES (Santos et al., 2013).

Em síntese, o presente estudo permitiu constatar relações importantes entre algumas das dimensões do autoconceito, as vivências académicas e a satisfação com a vida dos estudantes universitários de Moçambique, bem como algumas diferenças tomando as variáveis género e idade. Estes resultados merecem, no entanto, ser aprofundados em futuros estudos, retomando a análise da precisão e da validade dos resultados nos instrumentos usados, considerando amostras mais amplas e representativas dos estudantes moçambicanos do ES, e recolhendo informação do processo adaptativo dos estudantes ao longo do seu primeiro ano na Universidade, assegurando alguma análise mais sequencial ou longitudinal dos resultados.

### Referências

- Ahmad, J., Ghazali, M., & Hassan, A. (2011). The relationship between self-concept and response towards student's academic achievement among student's leaders in university Putra Malaysia. *International Journal of Instruction*, 4(2), 23-38.
- Albuquerque, F., Noriega, J., Martins, C., & Neves, M. (2008). Locus de Controle e Bem-Estar Subjectivo em Estudantes Universitários da Paraíba. *Psicologia para América Latina*, 13, 1-16.
- Almeida, L. S. (2007). Transição, adaptação académica e êxito escolar. *Revista Galego Portuguesa de Psicoloxia e Educación*, 15, 203-215.
- Almeida, L. S., & Cruz, J. F. A. (2010). Transição e adaptação académica: Reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. *Actas do Congresso Ibérico*. Universidade do Minho. pp. 429-440 pp. 429-440.
- Almeida, L. S., Soares, A. P. C., & Ferreira, J. A. G. (2002). Questionário de vivências académicas (QVA-r): avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 2, 81-93.
- Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2014). Variáveis pessoais no sucesso escolar dos alunos: Integração e contextualização. In L. S. Almeida & A. M. Araújo (Eds.), *Aprendizagem e sucesso escolar: Variáveis pessoais dos alunos* (pp. 249-271). Braga: Associação para o Desenvolvimento da Investigação em Psicologia da Educação, ADIPSIEDUC.

- Araújo, A. M., Almeida, L. S., Ferreira, J. A., Santos, A. A., Noronha, A. P., & Zanon, C. (2014). Questionário de adaptação ao ensino superior (QAES): Construção e validação de um novo questionário. *Psicologia, Educação e Cultura*, 1(XVIII), 131-145.
- Araújo, B., & Ponte, F. (2011). Transição na vida académica dos estudantes da licenciatura em enfermagem. *Actas do IX Congresso Internacional Galego-Portugues de Psicopedagogia* (pp. 3991-4002). Coruña, Universidade de Coruña.
- Baltasar, D. M. S. (2014). *Relación entre autoconcepto, ansiedad e inteligencia emocional: eficacia de intervencione en adolescentes universitarios*. Tese de Doutoramento não publicada. Badajoz: Universidade de Extremadura.
- Baron, A. S., Schmader, T., Cvencek, K. D., & Meltzoff, A. N. (2014). The gendered self-concept: How implicit gender stereotypes and attitudes shape self-definition. In P. J. Leman & H. R. Tenenbaum (Eds), *Gender and development* (pp. 109-136). East Sussex, England: Psychology Press.
- Barros, R., & Moreira, J. A. M. (2013). Autoconceito global em estudantes do ensino superior: um estudo comparativo entre iniciantes e finalistas. *Psicologia em Revista*, 19(2), 232-249.
- Belo, P. (2015). Avaliação das expectativas e das vivências académicas na transição para o ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 49(2), 95-113.
- Campira, F. P., Araújo, A. A., & Almeida, L. S. (2014). Estudo Preliminar para a construção e validação de uma escala de autoconceito para estudantes universitários de Moçambique. *Atas do II Seminário Internacional "Cognição, aprendizagem e rendimento"* (pp. 129-138). Braga: Universidade do Minho.
- Campira, F. P., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2015a). Construção e validação de uma escala de autoconceito para estudantes universitários de Moçambique. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(XIX), 74-88.
- Campira, F. P., Araújo, A. A., & Almeida, L. S. (2015b). Estudo diferencial do autoconceito de estudantes universitários moçambicanos em função do género e residência. *Atas do III Seminário Internacional "Cognição, aprendizagem e rendimento"* (pp. 112-121). Braga: Universidade do Minho.
- Castiano, J. P. (2013). *Os saberes locais na academia*. Maputo: Editora Educar.
- Castillo, I., & Molina-García, J. (2009). Adiposidad corporal y bienestar psicológico: efectos de la actividad física en universitarios de Valencia, España. *Rev Panam Salud Publica*, 26(4), 334-40.
- Castro, A. L. B., & Zamorano, M. A. M. (2012). Calidad de vida subjetiva en estudiantes universitarios. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 17(1), 29-43.
- Castro, M. C., Delgado, J. B., Ramirez, A. B., Ojeda, D. P. R. F. G., & Salazar, D. A. (2012). Estructura factorial de la escala de satisfacción con la vida en una muestra de estudiantes universitarios chilenos. *Revista Mexicana de Psicología*, 29( 2), 157-164.
- Chang, A. K., Park, J., & Sok, S. R. (2013). Relationships among self-efficacy, depression, life satisfaction, and adaptation among older korean adults residing in for-profit professional nursing facilities. *The Journal of Nursing Research*, 21(3), 162-169.
- Costa, L. S. M., & Pereira, C. A. A. (2007). Bem-estar subjetivo: Aspectos conceituais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1(59), 72-80.

- Costa, P. C. G. (2002). Escala de autoconceito no trabalho: Construção e validação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 75-81.
- Cruz, C. M. V. M., Pinto, J. R., Almeida, M., & Aleluia, S. (2010). Ansiedade nos estudantes do ensino superior: Um estudo com estudantes do 4º ano do curso de licenciatura em enfermagem da escola superior de saúde de Viseu. *Revista Millenium*, 38, 223-242.
- Dias, C., Corte-Real, N., Corredeira, R., Barreiros, A., & Bastos, T. (2008). A prática desportiva dos estudantes universitários e suas relações com as autopercepções físicas, bem-estar subjectivo e felicidade. *Estudos de Psicologia*, 13(3), 223-232.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 3(95), 542-575.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Diniz, A., & Almeida, L. (2006). Adaptação à universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrónico da interacção entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica*, 1(24), 29-38.
- Faria, L., & Azevedo, A. S. (2004). Manifestações diferenciais do autoconceito no fim do ensino secundário português. *Paidéia*, 14(29), 265-276.
- Faria, L., & Santos, N. L. (2006). Autoconceito académico, social e global em estudantes universitários. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 3, 225-235.
- Febrian, A. A., & Kurniawan, I. N. (2012). Social self-concept and life satisfaction: A primary study on Indonesian college students. *IPEDER*, 53(22), 101-104.
- Fernandes, H. M. G. (2007). *Bem-estar psicológico em adolescentes: Uma abordagem centrada no florescimento humano*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Ferreira, J. A., Almeida, L. S. & Soares, A. P. (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano: Diferenças de género, situação de estudante e curso. *PsicoUSF*, 6 (1), 1-10.
- Foubert, J. D., & Grainger, L. U. (2006). Effects of involvement in clubs and organizations on the psychosocial development of first-year and senior college students. *National Association of Student Personnel Administrators (NASPA) Journal*, 43 (1), 166-182.
- García, F. G., & Luján, R. S. (2003). Autoconcepto en jóvenes sedentarios y practicantes deportivos. *EduPsykhé. Revista de Psicología y Psicopedagogía*, 2(2), 259-272.
- García, J. F., Musitu, G., Riquelme, E., & Riquelme, P. (2011). A confirmatory factor analysis of the "Autoconcepto Forma 5" questionnaire in young adults from Spain and Chile. *Spanish Journal of Psychology*, 14(2), 648-658.
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjectivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 43-50.
- Gomes, M. C., & Ribeiro, J. (2001). Relação entre o auto-conceito e bem-estar subjectivo em doentes cardíacos do sexo masculino sujeitos a cirurgia de bypass aorto-coronário. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(1), 35-45.
- Hampatê Bâ, A. (1981). *Confrontações Culturais*. Le Monde, Paris.
- Imaginário, S. (2011). *Bem-estar subjectivo e ajustamento académico em alunos do ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica e saúde. Universidade de Algarve.